

DN 2.2.49

O EXEMPLO DE ZILMA

RUBEM BRAGA

CONVERSO longamente com Zilma Coelho Pinto, essa professora que está desconfiada de que pode extinguir o analfabetismo em um município brasileiro, o de Cachoeiro de Itapemirim.

Ela me conta seu trabalho para manter os 20 cursos que abriu no ano passado. ArrebANHOU a pior molecada da cidade, a turma que forma "quadri-lhas" e realizava já pequenos assaltos quando não tirava esmolas pelas ruas ou ia pelas casas pedindo restos de comidas.

Correu os bairros pobres, procurando todos os meninos, meninas e adultos que não sabem ler e não vão a aulas. Correu o comércio pedindo material escolar, ajuda em dinheiro. Dirigiu-se aos médicos, aos fazendeiros, aos cachoeirenses ausentes, a todo mundo, para poder fazer da escola um centro de atração, com merendas e guloseimas, remédios gratuitos.

Andou pelos botequins, pelas fábricas e serrarias, pelos portos das lavadeiras perguntando quem não sabia ler. Conseguiu com o governo do Estado licença para usar os prédios escolares nas horas fora do expediente. Apelou com êxito para a Congregação S. Vicente de Paulo, para a Igreja Batista, a Metodista, o Centro Espírita.

Ouviu gente dizer que ela estava querendo "tirar a felicidade do pobre" e operários desconfiados de que ela estava trabalhando para o governo para fazer uma lista dos comunistas e mandar prender; donas de casas e fazendeiros indecisos sobre a utilidade da alfabetização; gente que não queria ceder salas achando que era para o governo, exigindo uma declaração de que desocuparia logo que fosse notificada.

E achou também boa vontade, carpinteiros fazendo bancos e carteiras de graça, alunos adultos se oferecendo para calar uma sala de aula, bancários juntando pontas de lápis para as crianças. Conseguiu que o Centro de Saúde tirasse chapa de Ralo X e atendesse a todos os alunos. Os adultos de um curso noturno o abandonaram quando apareceu um circo nas vizinhanças... Um operário da Fábrica de Tecl-

dos mandou, no fim do ano, 50 cruzeiros para a professora, agradecido por ter aprendido a ler.

Arranjou retalhos de fazenda, gente para costurar, arrecadou roupinhas usadas para atender aos mais miseráveis ("a senhora recebe roupas novas do governo, guarda para seus filhos e dá essas roupas usadas aos meus" — disse-lhe certa vez uma jovem mãe, indignada).

Lutou contra a desconfiança do pobre e o egoísmo do rico, venceu a muitos, ganhou garrotes para rifar, usou a imprensa e o rádio, e em cada escola fulano dá a talha, fulano a vassoura, fulano um quadro negro...

As vezes todo menino recebe merenda, às vezes o dinheiro não dá. Cavou "caronas" para fiscalizar semanalmente todas as aulas, pediu aos homens de boa vontade que visitassem os cursos para estimular os alunos, conseguiu apoio da Câmara e do prefeito, enfrentou invejas e ciúmeiras. E trabalhou para reter alunos que, logo que sabem assinar o nome e fazer as quatro operações, querem debandar.

Já conseguiu muita coisa, quer conseguir mais em 1949, sonha em ver escrito em algum cartaz em alguma parede da cidade: "este município não tem analfabetos". Precisa de muita coisa, dinheiro para uma auxíllar, não tem sequer uma máquina de escrever nem um mimeógrafo, nem meio de transporte, não tem nada, ainda precisa dar organização jurídica à sua campanha. E conta a história de uma professora que passou no caderno de um homem chamado Raimundo esta frase para ele ler e copiar: "Raimundo tem cama". Raimundo nunca mais voltou à aula, dizendo em casa que a professora estava caçoando dele porque sabia que ele não tinha cama para dormir...

E fala dos alunos de uma professora da roça, Amarillis Balense, que estão alfabetizando os próprios pais. E seu trabalho de escrever cartas pedindo coisas e agradecendo coisas, sua caça aos cachoeirenses e espiritoantenses no Rio. Quer fazendas, quer sementes, quer leite em pó, quer caramelos, quer dinheiro, cartilhas... Repito o meu apelo: enviem coisas para Zilma Coelho Pinto, Campanha de Alfabetização, rua 25 de Março, Cachoeiro de Itapemirim. Enviem coisas, ajudem e estimulem essa Zilma porque com uma equipe de Zilmas como essa nós poderemos, quem sabe, tirar este país da lezeira, da indiferença, da apatia e da desconfiança que envenena todos e tudo...

2.2.49